

Cobertura Adversária no Jornalismo Político Maranhense: Um Estudo Sobre a Cobertura do Jornal Pequeno nas Eleições ao Governo do Estado¹

Tatiane FERREIRA²

Josefa BENTIVI³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar os resultados do estudo realizado pelo Laboratório Integrado de Pesquisa e Práticas Jornalísticas (LABJOR) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), utilizando como objeto de pesquisa o impresso Jornal Pequeno na cobertura das eleições 2018. São consideradas para fins de análise a valência (positivo, negativo ou neutro) e o enquadramento noticioso dos seis candidatos ao governo do Maranhão durante o período que compreende desde a pré-campanha até o último dia da eleição. Os primeiros resultados apontam para uma postura favorável do veículo ao atual governador e – até então – candidato à reeleição, Flávio Dino em contrapartida à candidata Roseana Sarney.

PALAVRAS-CHAVE: Eleições; Jornalismo; Maranhão.

Introdução

O jornalismo como Instituição, desde os seus primórdios até os dias atuais, passou por processos de mutação que o transformaram naquilo que vemos hoje: um importante ator político que, para além do caráter informativo – cuja credibilidade aliou-se ao status de imparcialidade atribuído pelo senso comum – é responsável por desempenhar um papel crucial na democracia atuando de forma direta e/ou indireta no desenrolar dos acontecimentos principalmente no campo político.

O jornalista e pesquisador Nelson Traquina traçou uma linha histórica com a indicação das principais vertentes que fizeram do jornalismo o que ele é hoje: a expansão iniciada ainda no século XIX e potencializada pela revolução industrial e o surgimento dos novos meios de comunicação; a sua comercialização que tornou a notícia – seu principal produto – uma espécie de mercadoria; e a emergência do polo intelectual do

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudando do 5º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Pesquisadora do Laboratório Integrado de Pesquisa e Práticas Jornalísticas (LABJOR); email: tatyraquelferreira@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Líder do DIVERSUS-Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação da UFMA; Pesquisadora do Laboratório Integrado de Pesquisa e Práticas Jornalísticas da UFMA. E-mail: zefinhbentivi@yahoo.com.

jornalismo com “a profissionalização dos jornalistas e uma consequente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia” (TRAQUINA, 2005, p. 33).

Quanto à histórica relação entre jornalismo e política, ela está ligada ao próprio aparecimento do campo do jornalismo. Contudo, o ativismo político que caracterizou o início do jornalismo deu lugar ao jornalismo industrial que se legitimou pela defesa da separação entre as esferas da política e do jornalismo.

Dessa forma, o tempo passou, a sociedade mudou, as relações políticas, econômicas e sociais mudaram e o jornalismo precisou acompanhá-las. Com a chegada do jornalismo industrial – que se torna paradigma dominante a partir do século XX – o jornalismo passa a legitimar-se com a chamada “racionalidade jornalística”, na qual são empregadas técnicas à produção da notícia, com o objetivo de tentar “garantir” a sua objetividade, como aponta Felipe Pena:

A objetividade, então, surge porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias. E como estas não deixarão de existir, vamos tratar de amenizar sua influência no relato dos acontecimentos. Vamos criar uma metodologia de trabalho. (PENA, 2008, p. 50).

A partir dessa concepção do jornalismo, exploraremos neste artigo a cobertura do Jornal Pequeno durante as eleições ao governo do Estado do Maranhão em 2018. A catalogação de matérias sobre os seis candidatos ao governo ocorreu nos seis meses que antecederam o primeiro turno, e o enfoque deste trabalho se dará na análise de valência e no enquadramento noticioso dos candidatos (principalmente os dois mais bem posicionados nas pesquisas de intenção de voto: Roseana Sarney do MDB e Flávio Dino do PCdoB).

Este trabalho parte de duas hipóteses: a primeira é a de que o Jornal Pequeno assumiu uma cobertura adversária em relação à candidata do MDB e a segunda é a de que o jornal apresentou uma narrativa que o alinhasse ao candidato do PCdoB. Como forma de exemplificar isto, será apresentado o título de algumas matérias assim como os seus respectivos trechos e a narrativa que os acompanham.

A Objetividade Jornalística Novamente Vem à Tona: A Notícia Reconta a Realidade

Como já dito anteriormente, o jornalismo é cercado de uma série de técnicas que reafirmam o seu compromisso de informar o público da maneira mais “objetiva” possível. Esse conceito de objetividade, no entanto, foi motivo de polêmica entre pesquisadores durante muito tempo, porém, nos dias atuais, é consenso que, por construir a realidade – recontando o fato ocorrido a partir da busca por informações *in loco*, do acesso a fontes, etc. – esta objetividade deve ser vista como parâmetro a ser seguido e não como um ideal que pode ser alcançado em sua totalidade.

A objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, porque ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade. Seu verdadeiro significado está ligado à idéia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar desses fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reporta-los (PENA, 2008, p.50).

Com uma aversão à expressão “contar uma narrativa” ou a ideia de construção do fato, os profissionais de jornalismo preferem o termo “contar estória” (TRAQUINA, 2008). Acerca dessa percepção, Pena aponta que o processo de produção da notícia, desde a escolha daquilo que vira notícia ou não, da apuração das informações até a enunciação, passa por uma série de fatores externos e internos que influenciam diretamente no seu desenvolvimento, como, por exemplo, “noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção” (PENA, 2008, p. 128).

Uma vez que o jornalismo reconta a realidade a partir de um fato e que conflitos de interesse e outros fatores têm influência direta na produção da notícia, quais narrativas o jornalismo dentro do campo político pode assumir? A resposta é relativamente simples, conforme aponta Li Chang Shuen “Quanto mais alinhados aos interesses dos grupos que estão no poder, mais os jornais tendem ao *advocacy journalism*; quanto mais distantes desses interesses, mais eles tendem a agir como atores políticos adversários” (SHUEN, 2015, p.5).

Sobre a cobertura jornalística adversária e os impactos gerados (ou agravados), a partir da narrativa contada pela imprensa, Guazina (2011), ao abordar a cobertura do Jornal Nacional no escândalo do Mensalão, defendeu que o jornalismo da TV Globo, por meio de um dos jornais de maior audiência do país, adotou uma posição adversária ao

governo vigente como forma de resgatar a credibilidade e a legitimidade do jornalismo enquanto defensor do público. Acerca da definição de cobertura adversária, ela afirma:

Entendemos aqui como cobertura adversária aquela que se caracteriza por ter como finalidade principal legitimar o próprio jornalismo como um poder e ator fundamental da cena pública. Tal cobertura baseia-se na oposição entre os campos jornalístico e político, através da desqualificação intensa da política, seus principais atores e instituições representativas (GUAZINA, 2011, p.19).

Nos termos referidos acima, a informação contida na notícia aparece como um “disfarce” para os verdadeiros interesses existentes por trás da forma de contar o fato, pela forma de mostrar o personagem ou até por aquilo que não é dito. Sobre esses discursos nas entrelinhas, Guazina destaca:

O que se torna mais claro, à medida que se percorre a história da imprensa brasileira, é a característica de “atividade política” do jornalismo, como afirmou Weber, que se faz presente nas coberturas jornalísticas sobre política. Ainda que, a partir da década de 1950, os jornalistas venham se profissionalizando e aperfeiçoando suas práticas, as notícias continuam a ser construídas a partir da subjetividade, de valores e ideias expressos em determinados “enquadramentos”, mesmo que de forma sutil, diluída em um processo cada vez mais complexo de produção (GUAZINA, 2011, p. 15-16).

E é a partir dessa perspectiva, de que um mesmo veículo pode assumir as duas posturas, que estudamos o Jornal Pequeno nas eleições em 2018.

Jornal Pequeno: O Jornal de Caráter Popular

O Jornal Pequeno em sua origem foi uma resposta à censura sofrida pelo seu fundador José Ribamar Bógea, até então redator de assuntos esportivos e políticos no jornal O Globo. A censura ocorreu quando, após uma partida disputada pelo time maranhense Moto Clube contra o Fluminense do Rio de Janeiro, na qual a atuação imparcial do juiz da partida culminou na vitória de virada do time carioca, José Ribamar fez duras críticas ao juiz em matéria veiculada no dia seguinte o que irritou o então diretor do jornal, José Pires Sabóia Filho, que vetou a matéria. Após o incidente, José Ribamar criou, em 21 de julho de 1967, o jornal O Esporte, voltado prioritariamente para assuntos desportivos com o enfoque voltado para notícias do interior do estado (mesmo que também noticiasse atividades esportivas nacionais).

A circulação do impresso era semanal, mas com o passar do tempo, O Esporte passou a encontrar dificuldades para se manter apenas com notícias esportivas além da necessidade do aumento da sua periodicidade, algo que aconteceu gradativamente. A partir de 29 de maio de 1951, O Esporte passou a chamar-se Jornal Pequeno, sendo que 60% das notícias eram direcionadas ao noticiário geral e 40% para assuntos esportivos e de entretenimento como matérias de humor e memórias. Considerado um jornal de caráter popular, o Jornal Pequeno tinha uma linguagem acessível, com seções destinadas ao humor como o “Dicionário do Povo”, “Língua de Trapo” e “Conversa no Cafezinho”.

Apesar de o jornal ter recebido elogios do então deputado José Sarney – que posteriormente viria a ser presidente da República durante o período de redemocratização do Brasil após 20 anos de ditadura militar – o Jornal Pequeno identificou-se como oposição a Sarney e aos seus aliados.

Anos mais tarde o Jornal Pequeno, com as mudanças no cenário político no Maranhão, se tornou um dos maiores opositores a família Sarney no campo da imprensa. Segundo a Revista de comemoração dos 60 anos do JP, em 2006 o jornal assumiu uma luta contra a família Sarney com a convicção de que durante mais de 40 anos no poder do Estado, não trouxeram as benesses de que o Estado precisava (NETO, sd, p.5).

A diretoria do jornal seguiu dentro da família. Atualmente o jornal é presidido por Hilda Marques Bógea, filha do fundador José Ribamar Bógea. Com uma tiragem de cerca de 4000 exemplares, o Jornal Pequeno apresenta-se como um impresso que assumiu uma característica oposicionista em relação aos Sarneys, conforme veremos detalhadamente adiante. Esta percepção é evidenciada pela valência das matérias sobre Roseana Sarney, quando constatamos que mais da metade das matérias sobre ela são negativas.

Apresentação dos dados

A pesquisa realizada como base para o desenvolvimento deste trabalho consistiu na realização da catalogação de matérias jornalísticas dos principais veículos de comunicação do estado (jornal impresso, emissora de TV e rádio) acerca dos cinco candidatos ao governo do Estado: o atual governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB); Maura Jorge (PSL); Odívio Neto (PSOL); Ramon Zapata (PSTU); Roberto Rocha (PSDB) e Roseana Sarney (MDB).

Para este artigo, catalogamos matérias de capa e da editoria de política do Jornal Pequeno no intervalo de tempo entre 7 de maio de 2018 (período que antecedeu a campanha dos candidatos ao governo do Estado) a 7 de outubro de 2018, dia do primeiro turno das eleições, que consistiu em seis meses de levantamento. O critério para seleção dessas matérias era que estas deveriam trazer como personagem principal um dos cinco candidatos ao governo.

O levantamento dos dados baseou-se no Livro de Códigos do Observatório de Mídia e Eleições no Maranhão 2018, propriedade intelectual do Laboratório Integrado de Pesquisa. Cada matéria selecionada deveria ser registrada em planilha com as seguintes categorias: data, título, subtítulo, página, editoria, nome do candidato, valência, componente enquadrado, enquadramento noticioso dos personagens, fontes, representação visual, número de imagens, descrição da imagem e valência da imagem. Para este trabalho, foram abordados apenas a valência e o enquadramento noticioso dos personagens na matéria catalogada.

Em relação à valência e enquadramento, Guazina (2011) parte da perspectiva da teoria Newsmaking (ou Construcionista) para explicar o conceito de enquadramento, considerando que esta mesma teoria põe em xeque o caráter objetivo do jornalismo, uma vez que o próprio caminho até a construção da notícia – desde os critérios de noticiabilidade que decidem o que vira notícia ou não, até a escolha das fontes e o enfoque dado na matéria – passam por diversos fatores que influenciam na forma como o fato é apresentado ao público como produto final (notícia).

Já para Glitin (1980, p.7), o enquadramento, dentro da teoria Construcionista, também pode ser considerado como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais os symbol-handlers organizam rotineiramente o discurso, quer verbal quer visual”. A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que o jornalismo ajuda a construir a realidade, abstendo-se do puro relato dos fatos. Isso não deve, entretanto, ser visto como algo negativo, mas deve-se atentar ao seu papel como instituição ativa no campo político ao recortar um fato e transformá-lo em notícia.

Sob este panorama, associamos ao enquadramento a análise de “valência” das notícias, estabelecendo os seguintes parâmetros: a matéria será de teor “positivo” se for favorável ou contiver elogios ao candidato; “negativa” a matéria que for desfavorável ou

trouzer críticas ao candidato e valências neutra para as matérias que não se revelam ser favoráveis ou desfavoráveis ao candidato em questão.

Quanto ao enquadramento noticioso dos personagens, o codificador colocará os aspectos da realidade construída pelo jornal. O tipo de personagem e de fato que o jornal atribui aos candidatos. Como eles são enquadrados na notícia de acordo com a seguinte codificação: vilão, mocinho, vítima, herói, confiável, não confiável, competente, incompetente, corajoso, covarde.

Os dados coletados no Jornal Pequeno apontam para uma polaridade entre os dois principais candidatos ao governo do Estado, cuja narrativa apresentada tende a ser bastante divergente: das 477 matérias catalogadas, 58,70% das notícias totais têm como personagem central o candidato do PCdoB, enquanto 35,63% destacam a figura da candidata do MDB. Os demais concorrentes, respectivamente, aparecem com 7,75% (Roberto Rocha), 3,35% (Maura Jorge), 1,25% (Ramon Zapata) e 1,04% (Odívio Neto).

Uma vez definido o ambiente da disputa eleitoral e os protagonistas dela, as matérias e suas valências passam a ser construídas a partir da narrativa jornalística e o posicionamento do impresso frente à corrida eleitoral começa a se tornar evidente. As notícias de valência positiva relacionadas ao candidato Flávio Dino (cujo critério, segundo o Livro de Códigos, são aquelas de caráter favorável ou que tragam elogios ao candidato), correspondem a 73,92% das matérias absolutas sobre ele, enquanto as negativas (quando a matéria é desfavorável ou trouzer críticas ao candidato) correspondem a 2,14% e as neutras (quando não se encaixam em nenhum dos critérios já descritos acima), correspondem a 23,21%.

Já as matérias relacionadas à candidata Roseana Sarney trazem os seguintes números: 5,88% das matérias veiculadas pelo Jornal Pequeno são de valência positiva; 27,64% são de valência neutra; e 64,70% são de valência negativa.

Quanto aos demais candidatos, o Jornal Pequeno assume uma postura mais equilibrada no que tange a valências das matérias: as notícias positivas a respeito de Roberto Rocha correspondem a 7,75% do total de relacionadas a ele, enquanto as negativas correspondem a 10,81% e as neutras a 62,16%; a candidata Maura Jorge tem um total de 3,35% matérias negativas, 81,25% matérias neutras e nenhuma com valência positiva; os candidatos Ramon Zapata e Odívio Neto contam com, respectivamente, 1,25% e 1,04% de matérias neutras.

É pertinente levantar, a fim de que não fique ambíguo o direcionamento abordado neste artigo, o significado da palavra “neutro”. Conforme apontado no início do texto, a matéria jornalística é cercada por uma série de fatores que afetam a construção da notícia, fatores estes que interferem diretamente no produto final, deste o início (com a seleção daquilo que vira notícia) até a sua veiculação (notícia propriamente dita). Em artigo publicado na revista *Líbero* – do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero - Liriam Sponholz considera o conceito de objetividade jornalística a partir da ótica dos jornalistas brasileiros. Na ocasião, é aplicada uma série de pesquisas qualitativas com jornalistas regionais e nacionais, com o objetivo de entender quais as suas percepções acerca de um assunto tão controverso.

Como parte da metodologia do artigo de Liriam, além de questões sobre dados socioedemográficos e a posição política dos entrevistados, foram realizadas perguntas abertas, como “o que significa objetividade para você?” e “com quais técnicas ou métodos você tentar alcançar mais objetividade?”. A partir dessa perspectiva, o conceito de “neutralidade” abordada neste trabalho será o mesmo definido por Sponholz com base na pesquisa feita: “Como neutralidade foram denominadas as afirmações nas quais objetividade foi definida como o contrário de subjetividade, como, por exemplo, não fazer críticas, não expor a própria opinião, informar de maneira mais neutra possível” (SPONHOLZ, 2008, p. 72).

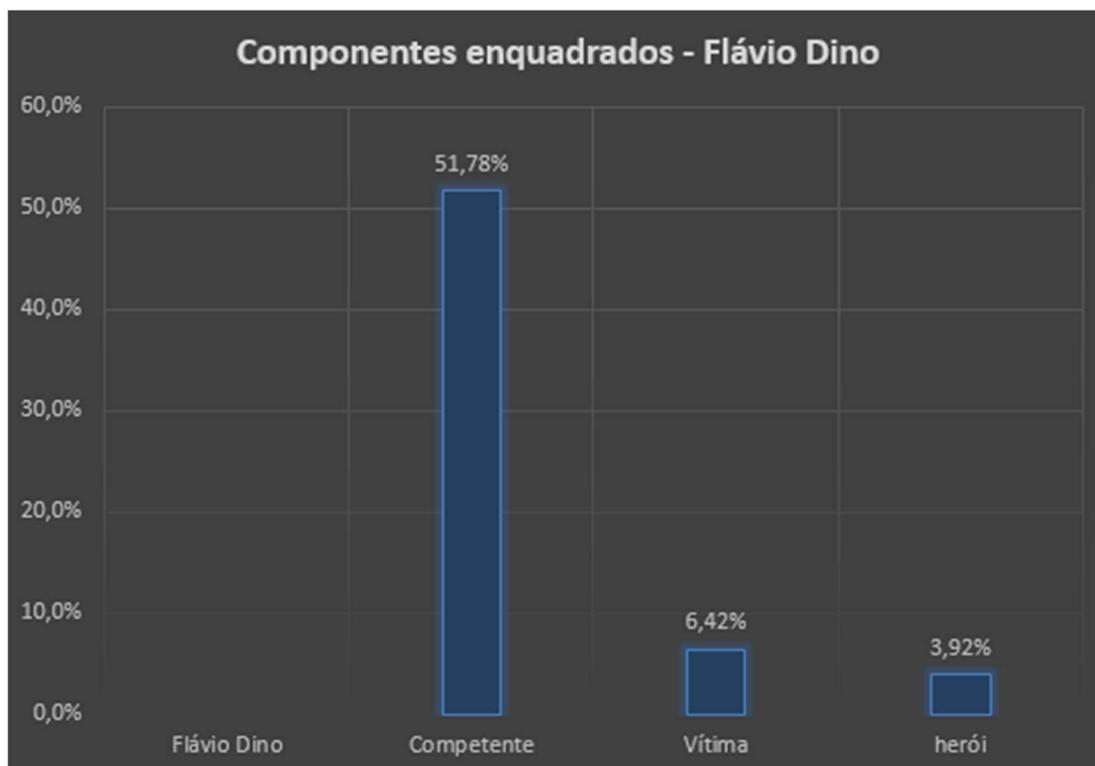
Esclarecidos estes apontamentos, damos continuidade à exposição dos dados. Listados os seis temas que mais foram abordados nas matérias (que aqui chamaremos de componentes enquadrados”, os dados obtidos foram: 6,07% das matérias catalogadas foram sobre educação; 5,66% sobre pesquisa eleitoral; 5,24% sobre infraestrutura; 4,19% sobre pesquisa eleitoral; 3,78% das matérias foram sobre investimentos e 3,78% sobre apoio político.

Uma Análise Específica do Enquadramento Noticioso: Uma Única Expressão tem Muito a Dizer

Como já mencionado, o enquadramento noticioso – que, de acordo com o Livro de Códigos, corresponde aos aspectos da realidade construída pelo jornal e como os personagens são enquadrados na notícia – obedeceu às seguintes classificações: vilão, mocinho, vítima, herói, confiável, não confiável, competente, incompetente, corajoso,

covarde. As matérias cujo enquadramento noticioso não se referia a nenhuma das classificações listadas acima foram catalogadas como “sem enquadramento”.

A análise das matérias, a partir do enquadramento noticioso construído em torno de cada personagem, permite entender qual a narrativa do jornal adotada durante os seis meses de catalogação. Os dois candidatos mais bem posicionados nas pesquisas (Flávio Dino e Roseana Sarney) são, por sua vez, os mais citados nas notícias e o cenário das eleições passa a concentrar-se prioritariamente entre os dois concorrentes. Toma-se como parâmetro os três componentes mais utilizados nas matérias referentes a Dino e Roseana e, após a apresentação dos dados, apresentamos alguns títulos de matérias que justificam o conteúdo presente e, conseqüentemente, a catalogação da notícia na respectiva categoria, assim como as hipóteses levantadas para explicar qual a narrativa construída em torno do candidato.



O gráfico acima indica que mais da metade das matérias sobre o candidato à reeleição Flávio Dino o constroem como “competente”, condição atribuída essencialmente à sua gestão como governador do estado. A matéria “Flávio Dino inaugura escolas, vias asfaltadas e anuncia novas obras para Região Tocantina”, publicada na edição nº 26.200, de 19 de junho de 2018, descreve as obras entregues cidade à cidade por onde o governador passou, atribuindo-lhe inclusive o status de um candidato que veio

sondar obras esquecidas com o passar do tempo. “Durante muito tempo abandonada pelo poder público, a escola conhecida como “Morcegão” não tinha piso, portas e cadeiras adequadas. Com a reforma, ganhou nova estrutura e móveis, que está beneficiando diretamente 378 estudantes do município” (FLÁVIO..., 2018, Cidade, p. 5).

O segundo maior componente enquadrado, embora não seja tão significativo quanto o primeiro, é o componente “vítima”. Nesse enquadramento, Dino é construído como alguém que, por conta da iminente vitória nas urnas apontadas durante as pesquisas de intenção de voto, é constantemente atacado pelos oponentes, principalmente pelos aliados de sua principal opositora: Roseana Sarney. A matéria “Ricardo Murad terá que retirar ‘declaração inverídica’ contra Dino na propaganda eleitoral”, publicada na edição nº 26.271 de 11 de setembro de 2018, apresenta o parecer de um juiz acerca da propaganda contra Dino veiculada por Ricardo Murad, cunhado de Roseana Sarney que retirou a candidatura ao governo do Estado – e lançou-se à Câmara Federal – e aliou-se a ela. “O candidato a deputado federal Ricardo Murad (PRP), que já foi sentenciado inelegível pelo Tribunal Regional Eleitoral (TER-MA), agora foi condenado a retirar propaganda eleitoral do ar em que declara que o governador Flávio Dino ‘acabou com tudo’ na área da saúde”. (RICARDO..., 2018, Política, Informe JP, p. 3).

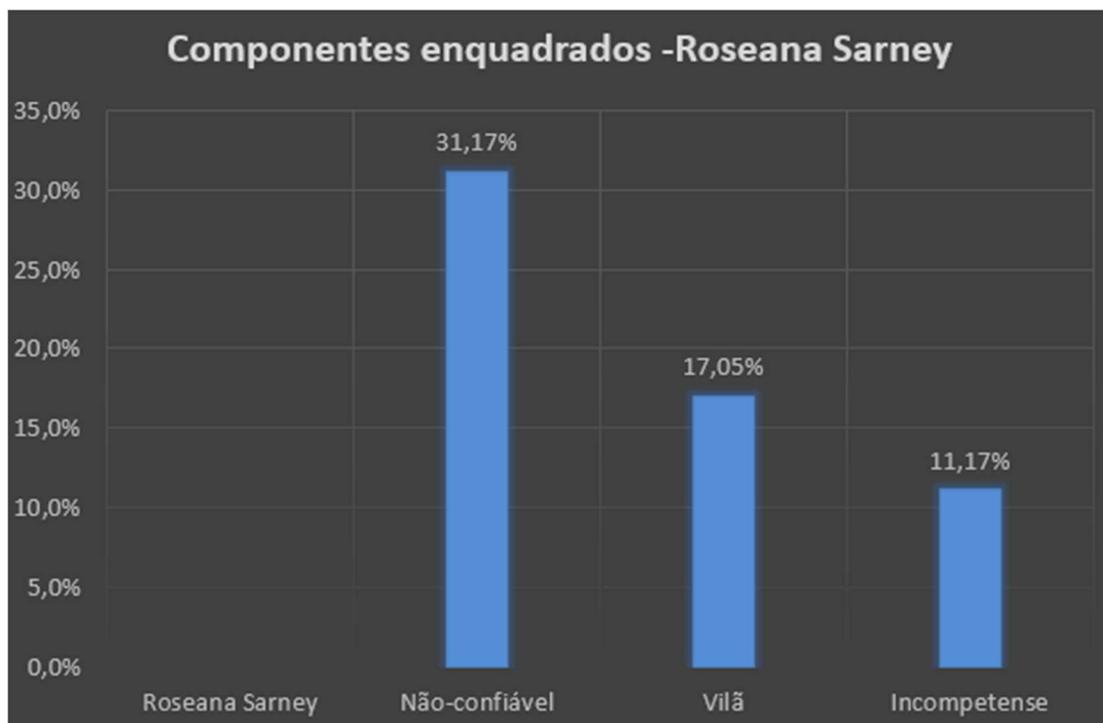
O terceiro componente enquadrado mais citado é o de “herói” e a hipótese é a de que a construção é em torno de um governador que, para além do compromisso de executar obras, assume uma postura de caráter pró-ativa e participativa na discussão e na resolução de problemas que vão além da alçada de sua gestão. Em meados de julho de 2018, o hospital Aldenora Belo – organização voltada para o tratamento de câncer sem fins lucrativos, mantida pela Fundação Antônio Dino – devido a questões financeiras, corria o risco de encerrar atividades como o Serviço de Pronto Atendimento Oncológico, Atendimento Domiciliar e Tratamento de Dor e Cuidados Paliativos, que eram de responsabilidade do Sistema Único de Saúde. Flávio Dino, então, liberou recursos do Fundo Estadual de Combate ao Câncer para manter os serviços ativos.

Em matéria publicada em 21 de julho de 2018, na edição nº 26.227, o jornal atribui a responsabilidade de uma informação veiculada considerada inverídica (de que ao invés de cancelar os serviços o hospital fecharia as portas) aos opositores de Dino. “Usado politicamente pela oposição ao governo Flávio Dino (PCdoB), o Hospital do Câncer Aldenora Bello desmentiu, categoricamente, por meio de nota, divulgada na quinta (19),

que iria “fechar as portas”, como desinformou a mídia e blogs opositoristas”. (GOVERNO..., 2018, Política, Informe JP, p. 3).

A matéria ainda indica que os serviços que iriam ser cancelados eram de responsabilidade do governo federal, por meio do SUS, e que ao ser expostos os problemas e a iminência do encerramento de serviços, o governo prontificou-se a arcar com os custos. “A partir da constatação dos problemas nesses setores do Aldenora Bello, o governo do Estado liberou recursos do Fundo Estadual de Combate ao Câncer para ajudar a manter os serviços em andamento ‘Diferente de outros governos, sempre ajudamos o Hospital Aldenora Bello. E vamos continuar a ajudar’, disse o governador Flávio Dino pelas redes sociais” (GOVERNO..., 2018, Política, Informe JP, p. 3).

Apresentadas os três principais enquadramentos noticiosos assim como suas respectivas hipóteses acerca da narrativa construída em torno de Dino pelo Jornal Pequeno, indicaremos, agora, os dados sobre os componentes enquadrados da candidata Roseana Sarney.



Os dados relativos à Roseana já indicam uma narrativa completamente diferente da exibida pelo Jornal Pequeno sobre Flávio Dino. As matérias, cujo enquadramento noticioso encaixava-se na categoria “não-confiável”, trazem as mais diversas narrativas que não caberiam nesse artigo, mas dentre essas, a mais recorrente diz respeito à candidata enquanto governadora do Maranhão (1º de janeiro de 1995 a 5 de abril de 2002 e de 17

de abril de 2009 a 10 de dezembro de 2014). Grande parte das matérias também está vinculada à figura de José Sarney, ex-presidente do Brasil e pai da candidata. Na edição nº: 26.234 do dia 29 de julho, o Jornal Pequeno fala de um artigo publicado por José Sarney no jornal O Estado do Maranhão acerca de obras entregues por Dino e que, supostamente, teriam sido iniciadas por Roseana durante o seu mandato.

O senador e ex-presidente da República José Sarney, de 88 anos, continua atacando o governador Flávio Dino (PCdoB) e fazendo propaganda eleitoral antecipada de sua filha, Roseana Sarney (que deve ser adversária de Dino em outubro), em seu artigo semanal no jornal de qual é dono. No artigo publicado ontem (28) intitulado “O Maranhão quer mais”, Sarney afirmou que Dino “tem o mérito de inaugurar as obras que Roseana (Sarney) deixou feitas ou licitadas, ou contratadas com os recursos do BNDES, e gosta de pintá-las de vermelho, sendo bom de marketing e de fake news (O QUE..., 2018, Política, Informe JP, p. 3)

O Jornal Pequeno questiona a realização e a verdadeira utilidade das obras realizadas na gestão de Roseana enquanto governadora, colocando-as à prova. A matéria apresenta as tarefas realizadas por Roseana como “hercúlea, uma vez que, fora do poder, será impossível ao clã usar, como já fez, uma obra faraônica qualquer e praticar o conhecido estelionato eleitoral”. O jornal ainda conclui que “Falsas promessas e sonhos frustrados são tudo o que o Maranhão não quer mais” (O QUE..., 2018, Política, Informe JP, p. 3)

O enquadramento “vilã”, no qual foram catalogadas 17,05% das notícias relacionadas à Roseana Sarney, traz a narrativa da candidata que, por razão de uma iminente derrota apontada pelos institutos de pesquisa que indica a vitória de Dino no 1º turno, passa a agir de forma questionável para inviabilizar a vitória do comunista (palavra muito utilizada pela imprensa local para se referir a Dino), principalmente usando de empresas do meio de comunicação pertencentes à família de Roseana. Durante o período de campanha, a juíza Anelise Nogueira Reginato decretou a inelegibilidade de Flávio Dino, Márcio Jerry (ex-secretário de articulação política de Dino e então candidato a deputado federal pelo PCdoB) e a cassação ao diploma de Luís Mendes e Domingos Alberto (prefeito e vice-prefeito do município de Coroatá, respectivamente). A decisão seria sob a acusação de abuso de poder econômico, político e administrativo durante a campanha à prefeitura de Coroatá.

Em matéria publicada no dia 14 de agosto de 2018, na edição nº 26.247, o Jornal Pequeno publica a notícia sobre o direito de resposta concedido a Dino no jornal O Estado do Maranhão que, de acordo com o impresso, é vinculado à família de Roseana. Na matéria, o jornal questiona o posicionamento do jornal O Estado acerca da notícia veiculada.

A Coligação Todos Pelo Maranhão, do governador Flávio Dino, conseguiu, por via judicial, direito de resposta no Jornal O Estado do Maranhão, do grupo Sarney, para repor a verdade sobre a decisão da juíza de Coroatá, Anelise Reginato. Desde que a magistrada deu sentença pela inelegibilidade de Flávio Dino, os meios de comunicação do clã começaram a afirmar que o governador está impossibilitado de concorrer à reeleição. A verdade foi reposta com direito conseguido na Justiça” (JORNAL..., 2018, Política, Informe JP, p.3)

O terceiro enquadramento noticioso com mais matérias catalogadas é o termo “incompetente” cujas referências majoritariamente remetem à gestão de Roseana à frente do Palácio dos Leões. Exemplificando tal narrativa, uma matéria curta publicada pelo Jornal Pequeno, em 6 de julho de 2018, na edição nº 26.214, fala sobre uma postagem em uma rede social feita pelo ex-secretário de infraestrutura do município de Timon acerca da atuação da então governadora do Estado. “O ex-secretário de Infraestrutura de Timon, engenheiro Antônio Delfino Guimarães, surpreendeu ao postar nas redes sociais que a ex-governadora Roseana Sarney não tem nenhuma obra na cidade”. (EX-ALIADO..., 2018, Política, Informe JP, p.3)

Considerações Finais

Conforme vimos no decorrer deste artigo, é ingenuidade pensar que o jornalismo é completamente objetivo em sua essência: a objetividade é vista como um ideal a se alcançar, como uma espécie de parâmetro que não permita ao veículo que divulga a notícia fugir a sua principal “função” que é informar. Há subjetividade em praticamente todo o caminho percorrido pela informação até o produto final (notícia) e são diversos os fatores que influenciam na narrativa apresentada ao público. Um exemplo disso são os próprios critérios de noticiabilidade, os chamados “valores-notícias”, utilizados como uma espécie de manual que auxilia os profissionais na seleção dos fatos para se tornarem notícia, escolhendo uns, descartando outros.

Ao escolher uma postagem em uma rede social de um ex-secretário que aponta atitudes controversas na gestão de um candidato, o Jornal Pequeno não agiu de forma

aleatória. Nem na apresentação dos candidatos ao governo, prioritariamente, os dois candidatos mais bem posicionados nas pesquisas eleitorais. Os dados de valência relacionados à Roseana Sarney indicam que o *Jornal Pequeno* assumiu na cobertura, uma postura adversária durante os seis meses que antecederam o pleito, tanto a ela enquanto candidata, quanto aos seus aliados. Entende-se que, por assumir uma postura opositora à Roseana Sarney, o impresso encontrou em Flávio Dino, enquanto atual governador do Estado, o personagem ideal para legitimar e assumir à frente no discurso de oposição idealizado pelo jornal.

A realização da prática jornalística envolve uma série de conflitos de interesse que estão presentes nas entrelinhas das notícias. O jornalismo funcionalista, cujas atribuições seriam unicamente a vigilância dos três poderes, estando sempre atento a eventuais abusos de poder e denunciando-os, aos poucos, começa a dar lugar para o uma cobertura adversária, na qual os estudos relacionados a essa temática ainda são pouco trabalhados no Brasil, mas que muito diz respeito à imprensa no país. Esta nova percepção do jornalismo pode explicar muito da cobertura jornalística acerca de eventos decisivos na política, tanto no cenário local quanto no nacional. Espera-se que este trabalho contribua para pesquisas futuras acerca desse campo.

REFERÊNCIAS

EX-ALIADO detona Sarney. **Jornal Pequeno**, São Luís, 6 jul. 2018, Política, Informa JP, p.3.

FLÁVIO Dino inaugura escolas, vias asfaltadas e anuncia novas obras para Região Tocantina. **Jornal Pequeno**, São Luís, 19 jun. 2018, Cidade, p. 5.

GOVERNO estadual toma para si responsabilidade do SUS e mantém Serviços no Aldenora Bello. **Jornal Pequeno**, São Luís, 21 jul. 2018, Política, Informe JP, p. 3.

GUAZINA, Liziane Soares. **Jornalismo em Busca da Credibilidade: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão**. 256 F. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, UNB, Brasília, 2011.

JORNAL dos Sarney é obrigado a publicar direito de resposta de Dino. **Jornal Pequeno**, São Luís, 14 ago. 2018, Política, Informe JP, p.3.

NETO, Wilson Pinheiro Araújo. **Ditadura Empresarial Militar no Maranhão: Uma Perspectiva do Jornal Pequeno acerca do Golpe de 1964**. In Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea, p. 3-5, sd.

O QUE o Maranhão não quer mais. **Jornal Pequeno**, São Luís, 29 jul. 2018, Política, Informe JP, p. 3.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2. Ed, 2008.

RICARDO terá de retirar “declaração inverídica” na propaganda eleitoral. **Jornal Pequeno**, São Luís, 11 set. 2018, Política, Informe JP, p. 3.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **A Imprensa como Adversário Político: O Jornalismo e a Crise do Segundo Mandato de Dilma Rousseff**. In: XV Congresso IBERCOM, 2017, Lisboa.

SPONHOLZ, Liriam. As Objetividades do Jornalista Brasileiro. *Líbero*, São Paulo, Ano XI, nº 21, p. 71-72, jun. 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis, Insular, 2. Ed, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Porque as Notícias são como são**. Florianópolis, Insular, 2. Ed, 2005.